

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 254 - Volume XXVIII - Porto Velho - Maio/2010

ISSN 1517-5421

EDITORES

**NILSON SANTOS E
ESTEVÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

254



máquina tribal

Alberto Lins Caldas



máquina tribal

Alberto Lins Caldas
Universidade Federal de Alagoas-UFAL
Departamento de História
www.albertolinscaldas.unir.br
albertolinscaldas@yahoo.com.br

Resumo: Trajetória geral de fragmentos para uma noção de "Máquina Tribal".

Palavras-chave: Máquina Tribal, liberdade, ontologia

Abstract: General trajectory of fragments for one notion of "Tribal Machine"

Key-Words: Tribal Machine, freedom, ontology

"Eis como eu raciocino."

Ética III, Espinosa

i

*. a máquina tribal é uma medusa: só pode ser tocada, compreendida indiretamente, transversalmente, loxograficamente: dizer ela diretamente como querem os realistas é fazer sempre seu jogo, jogo perverso de espelhos postos por quem pergunta e por quem responde (esquizóide): só podemos ver a máquina tribal sabendo isso: só podemos conversar com ela sabendo isso, sabendo q os círculos todos fazem parte da máquina tribal.

*. ?o q existe, existe mesmo. ?existindo, como vivemos, sabemos, sentimos q existe o existente, como existe esse existir. qualquer resposta é constitutiva ao sistema de perguntas, as forças da tribo: jamais um dizer um em-si, a verdade ou a realidade.

*. ?a percepção taria na ordem das idéias ou na ordem da máquina tribal. ?como perceber sem pensar, pensar sem perceber, existir integralmente fora da máquina tribal: perceber sem ta numa confluência imaginária onde o tempo (instância imaginária e simbólica suprema) seria o norteador. ?como perceber sem relacionar cada elemento com outros: signos sobre signos: entregues às redes pensamos e vivemos a máquina tribal: o q percebemos e como percebemos é o entrenós [aquilo q construímos, mantemos, reproduzimos, justificamos, praticamos, classificamos, valoramos, cremos, efetivamos, aquilo q ""somos nós", as triangulações espaço temporais]. sem eixos e limites não há o ser [só devires: forças q exatamente por isso não-são, não são sequer devires: isso é uma "maneira de falar": os

devires são produzidos pelas máquinas contratuais]: o ôntico é decorrência do pensar: pensar é ta em redes múltiplas e instáveis produzidas, sustentadas e em devires jorrando do próprio com-viver: o tempo é o próprio entrenós.

*. a máquina tribal é a "imaginação social", as produções em constantes transformações: é o caos domado, amordaçado, posto a disposição, eliminado pelo tempo sendo dimensões bem além do aqui, fluindo em sentidos exatamente pela polidimensionalidade das produções.

*. imaginação não é exercício do inexistente, mas a manutenção do existente no centro da existência. as imaginações sociais [fluxo vivo de crenças, rituais, práticas, simbolizações, classificações, imobilizações de forças] e os incontáveis jorros em redes temporais individualizados e grupais são a máquina tribal.

*. todo "conhecimento objetivo" é tão somente conhecimento esquecido de suas condições: estarecido diante de si mesmo, de suas projeções sociais, pessoais e grupais.

*. a navalha de occam: entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem: não multiplicar entes sem necessidade: a máquina tribal é excessiva multiplicação q esconde as fontes: criando o tempo e seus fantasmas: a exterioridade é fonte fantasma da máquina tribal. nada disso é "mental": o real é real exatamente por sua forma de existência: não é operação intelectual, mas dimensões vivas da máquina tribal: com o tempo enquanto máquinas contratuais em redes q nos cria criamos com o lócus q será um "eu", redes de forças de existência e resistência: relações, rituais e linguagens de poder: o imediato do presente não é exterioridade nua, mas jorros de desdobramentos temporais q criam e mantêm o significado de tudo ao redor: a máquina tribal enquanto entrenós é o q formata o caos: não há um "ser", uma "fonte", mas devires domados da própria máquina tribal.

*. não há o sujeito q conhece e o objeto a ser conhecido: sujeito e objeto são postulações do conhecimento na medida da sua existência: sem eles, sem causa e efeito, o pensamento escorrega em suas próprias ilusões, principalmente em seus desvios de totalidade monstruosa em-si: fora da individualidade e da máquina tribal, fora do tempo, caímos sempre nas projeções imaginárias da "coletividade" e da "individualidade": e pensamos sempre tarmos num real mesmo, aquele q nem um deus conseguiria satisfazer [mas q muitos exigem como suporte: o deus invaginado, deus epistêmico, q se tornou fundamento invisível, como cabe a esse deus ex maquina, de toda visão científica e filosófica sobre origens, exterioridades, fundamentos, reais sem presença].

*. a linguagem não é o "suporte do ser": isso é explicação: a linguagem é um dos momentos explicativos dos devires da máquina tribal, mas não esgota absolutamente nada: tudo pode ser linguagem somente porq esqueço q essa também é uma noção.

*. essa é essencialmente questão ético-moral: sem natureza [tudo é possível], sem deus [tudo é permitido], sem sociedade como instâncias supremas em sua totalidade (o desejo das ideologias): sem instituição transcendente q garanta a eticidade ordeira do indivíduo (igreja, escola, família, estado): sem o real como organização estabelecida por algum poder regulador, ?como pensar a ética: ?e porq a ética deve ser pensada a partir dessas mega estruturas imaginárias como se

fossem reais em-si. pensada a partir dessas projeções como se fossem eternas ou eficientes, a ética tem sido somente ilusão desnecessária: bela e elegante na teoria, mas impotente na prática [fantasma cristão]. basta ver os socialismos reais e seus mortos, os cristianismos reais e seus mortos, os liberalismos e seus mortos, as democracias e seus mortos: e as torturas, os apartaides, os racismos: a ética fundada nas eternidades do real é mais periculosa do q o nazismo (eixo cristalizado e exposto da máquina tribal) e mais inútil do q o sexo dos anjos.

*. a ética poderia buscar na singularidade sua base: viver e fazer viver não por um estado, por um deus, por uma lei, mas porq "sabemos cada um o quanto dói o desrespeito" a essa coisa q somos nós e a aquilo q podemos ser [isso não deixa de ser "verdadeiro" e "legítimo"]: mas essa "posição" é dis-posta pela própria máquina tribal: a ética tendo a singularidade como eixo e fim, como meta de todas as lutas, todas as normas, todas as fórmulas, todas as leis, todas as revoluções parte exatamente do mercado, das redes individualizadoras, consumistas, não de um "cuidado de si" filosófico, "retirado do mundo": a singularidade, mesmo aparecendo como "secundária" pras teorias, pras explicações, deve aparecer como "primária", fundamental, essencial, pois é assim q se processa o existente mesmo nas manadas, nos formigueiros, nos cardumes: esse seria o melhor numa máquina tribal genocida, violenta, perseguidora, destruidora de qualquer diferença: mas essa singularidade não é diferente, não é "outra coisa", mas o sumo da máquina tribal em seu momento totalitário vítreo: essa singularidade não passa da individualidade cuidada demais, cultuada e preparada pra dar e ser mais: o refinamento do refinado, o produtor das melhores mercadorias, o servo melhor, o melhor cego, o mais iludido e ilusionista, o gusano de classe média.

*. a imagem e a coisa, a cópia e o original, a representação e a realidade, a aparência e o ser, o profano e o sagrado fazem parte das mesmas "atmosferas" q é o real, dos mesmos sistemas em movimento, contato e troca: tudo ta sempre "dentro" [só há a máquina tribal, suas "traduções", "conhecimentos", "destruições" com o "fora"]. não há real e espetáculo, não há personagens e pessoas, não há o "diretamente vivido", contato imediato com um real-mesmo, exterioridade crua q existiria até mesmo sem ninguém [o deus invaginado permitindo o sem-presença pruma imaginação ingênua: tamos sempre dentro do "programa social" q cria, reproduz e mantêm nós mesmos e o real numa mesma rede virtual: somos ele enquanto somos nós: nossas atividades vitais, nossos fluxos, o entrenós, é o existente: além da máquina tribal somente os imaginários, as negociações com outros existentes, as "outras tribos", q são incluídas numa totalidade chamada "humanidade" somente por delírios de conquista, perversidades da teoria e deformidade da tradução: o outro da máquina tribal é sempre, pras máquinas contratuais, um travesti, um palhaço, um duplo imperfeito, uma imitação incompleta da própria máquina tribal, exigindo incorporação urgente, infestação, anulação: só passamos a admirar quando nada é mais perigoso e já somos máquinas contratuais turistas]. não há afastamento do real em detrimento dum espetáculo: o próprio real é teatro, é espetáculo, é virtualidade: toda crença, toda percepção, toda descoberta, toda noção, toda visão de mundo são efeitos "internos": isso não faz "desaparecer" o real, não torna ele "subjetivo", "idealista", mas plástico, vindo dos processos de forças vivos da máquina tribal e das individualidades, dos sistemas de crença e presença, do tempo enquanto dimensão q permite essa descomunal multiplicidade viva.

*. as imagens, os conceitos, os pré-conceitos não se desligam, não se separam, não se autonomizam, mas se fundem numa unidade q é o real, q é a unidade da vida [conceito específico da máquina tribal: "valor supremo" apenas pra determinada perspectiva]. todo "mundo à parte" é parte da máquina tribal [a máquina tribal é única, não todas as "tribos", pois até essa palavra só pode dizer respeito a "nossa"], isto é, da virtualidade: nada ta fora e todo fora é dentro por mais fora q pareça: só há o estômago do monstro: a esfinge devora tudo: andarilho, caminho e enigma.

*. o espetáculo é a máquina tribal, não parte da máquina tribal: até mesmo a máquina tribal é projeção viva de si mesma, sistema de compreensão, triangulações, teatralidades vitais, redes de forças. olhar do espetáculo não é não ver, mas poder ver a máquina tribal em sua fund-ação, em suas relações de forças, onde o espetáculo midiático é somente um dos seus momentos.

*. as "relações sociais" são atividades em fluíres, com ritmos, programas e redes mediatizadas por feixes de crenças, de linguagens articuladas, de enganos determinados, de má-fé e poderes bem localizados, de traduções e convenções imperceptíveis, mas atuantes: o fluxo é perverso e não pode ser diferente porq formatado formatador: a margem é sempre parte, composição, abstração, ação, poderes circulares.

*. a realidade como tecido polidimensional, multisignificativo e hipertextual é "visão de mundo", q é sempre presentificação, exposição, rede de crenças tornada realidade, efetividade de imaginários, de temporalizadores surgindo e desaparecendo, relações entre máquinas contratuais, tornada efetiva exterioridade. não há uma realidade e uma "visão de mundo", mas as "duas" são dimensões da mesma virtualidade.

*. o espetáculo não é "o resultado e o projeto do modo de produção existente" (o espetáculo seria somente sub-produto do "capitalismo"), mas a forma de existência de qualquer conceito de realidade [a máquina tribal existe somente em manifestação, em festa, em representação de papeis, em substituição da "coisa" pelo "ator" sendo, "os dois", imaginários do mesmo, triangulações teatrais], como o próprio conceito de "modo de produção": feixes, nódulos, dobras, torções discursivas num jorro de atualização temporal criando a "sensação do real" e do imediato: qualquer "representação" não pode ser separada das "representações" dos fluxos, das torções.

*. o espetáculo mesmo podendo e devendo ser combatido em sua manifestação naturalizada e universalizante, não pode ser "destruído", isto é, o real não pode deixar de ser espetáculo, aquilo q é pros olhos, é representação, é substituição. nele nada é "irreal", mas o próprio "coração do real" (esse dentro q é fora) na sua forma de existência. não há o irreal no "coração do real": o "coração do real" é o irreal, entrenós e tempo, duração viva do imediato: imaginação (tempo) cercada pelos efeitos imediatos dessa imaginação [isso não vaporiza o real como temem os covardes do devir, mas atinge sua dimensão existente: assim mutacionamos não somente o imediato (politicidade), mas essencialmente o tempo, q é a grande forma da existência: sem atingir o tempo o imediato continua in-tacto: sem essa possibilidade viva a máquina tribal não teria mecanismos de modificação e superação: criamos relações de forças de relações de forças, fazemos pipocar aqui, o sempre imediato, algo q fizemos no imaginário passado: temporalizadores q somos criamos temporalizadores de todos os tipos].

*. a "irrealidade da sociedade real" não é a "informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos": não é a "sociedade de consumo" dominante enquanto produção e mídia: a irrealidade constitutiva são as próprias malhas dos devires.

*. cindir imagem e real, sonho e vigília, festa e trabalho não é algo criado pela insociedade de consumo ou pelo midiático gozo entorpecido (a duvidosa alegria dos homens tristes): sem fazer isso não existiria "sociedade", principalmente porq não há nem jamais houve "unidade da máquina tribal", "totalidade real" q pudesse ser mutilada, a não ser no cérebro dos "intelectuais burgueses" saudosos duma pretensa "aura", duma exterioridade natural e em-si criada e habitada por uma argila insuflada.

*. o espetáculo não inverte o real: o real não aparece como espetáculo nem o espetáculo como real: essa "alienação recíproca" não é a "essência e o sustento da sociedade existente", mas a essência do real em todas as circunstâncias q conhecemos. essa duplicidade, essa alienação e má-fé, essas reinversões onde o verdadeiro é o falso e o falso é o verdadeiro, atinge não somente a essência da mídia, mas dos devires, q são sempre "tribais" [não há os devires e a máquina tribal].

*. a visibilidade, a aparência q o espetáculo midiático torna possível não é "afirmação da aparência" ficando no lugar duma realidade mesma q seria sua vítima, a "negação visível da vida": esse específico espetáculo além de ser dimensão fundamental da tecnologia, desvenda o real como tão somente efeitos duma mega encenação q chamamos real, mas q tem praticamente todo seu corpo no tempo, isto é, no espetáculo imaginário da máquina tribal, isto é, em máquinas contratuais em suas formações "coletivas", em Línguas, em linguagens.

*. a linguagem sempre foi as múltiplas linguagens dos espetáculos q são o real e o real é precisamente essas linguagens em devires, em torções, em práticas, crenças e rituais q, objetivamente, não poderiam jamais se apresentarem como "uma enorme positividade indiscutível e inacessível", proclamando q "o q aparece é bom, o q é bom aparece": o espetáculo midiático, coisa de feira e jardim de infância pode dizer isso, mas no espetáculo q é o real não há a passividade nem o monopólio da aparência [aparência q só aparece não como superfície duma profundidade, mas resultante espectral dos rolares ritualizados do tempo enquanto imediato]: o tempo é a negação da aparência como único princípio: mesmo o imediato do presente [nossa única realidade: onde há a dor, o suor, o peso, a angústia, a doença, a morte, o trabalho, o prazer, o descanso, a fome, os dentes da fera e os artifícios do tempo contra elas] é densidade extrema q se desdobra sem limite: a ínfima densidade é a q ao se desdobrar se torna o mais denso.

*. o "mundo real" se converte em linguagem porq ele é linguagem [caos formatado pelo entrenós q é a máquina tribal: redes vivas de forças e poderes em múltiplas torções] enquanto dimensões temporais [extensão da máquina tribal], relações, compreensão, percepção, atuação, espaço: são essas linguagens q são o real enquanto máquina tribal: mas há um "comportamento hipnótico", hipostasiado, onde o tempo das linguagens e as linguagens do tempo se descolam e nos

parecem "natureza", exterioridade, em-si, universalidade e matéria: porq suas feitura não são individuais, mas advêm do fluxo vivo da máquina tribal, q não vemos, não tocamos, quase não vivemos nele: e os fantasmas voam por sobre nossos delírios.

* a "fraqueza do projeto filosófico ocidental" foi ter mantido esses fantasmas da máquina tribal como reais, como instâncias verdadeiras fora da sua forma de existência [essa "fraqueza", o holocausto, o nazismo, não são "momentos históricos" ou "especiais", exceções, "involuções", mas o próprio eixo da máquina tribal em sua plena "normalidade": o aparecer se dá somente por cristalizações q expõem o núcleo]: e lutamos a vida inteira, enquanto "coletividade", "classes", "grupos" e "indivíduos", com esses fantasmas como se tivéssemos lutando "contra a máquina tribal", quando tamos somente fazendo ela funcionar, se reproduzir, se retroalimentar, circular e negociar.

ii

*. nos semáforos há um mecanismo [diferente do conceito de mecanismo da máquina tribal e das máquinas contratuais, q são virtuais, ficcionais, articulações de imaginários em rede de atuação] q se resume a uma caixa de metal com um botão, presos ao poste do semáforo. apertando esse botão mudaríamos o tráfego, avisaríamos q alguém quer passar, adiantaríamos o sinal verde. esse mecanismo simples funciona o tempo inteiro. todos apertam o botão esperando o resultado. todos acreditam friamente q ele vai funcionar, q ele funciona, q ele deve funcionar, q ele não pode não funcionar. ?por q ele não funcionaria. ninguém se pergunta. ninguém olha por trás da caixa, e os q olham vêem ligações entre a caixa e o poste do semáforo. nunca! ?por q.

*. não há nada dentro daquela caixa. seria impossível alguém interferir num sistema complexo de trânsito sem causar transtornos aberrantes. uma rede inteira q abarca uma cidade não poderia ficar ao arbítrio dum pedestre. nem ele pode mudar o trânsito sem danificar todas as redes nem isso é possível. ?então por q. ?pra q a caixa.

*. primeiro poderíamos dizer q não se sabe isso. não deixa de ser verdade. idiotamente se aperta um botão crendo piamente q se pode interferir nas redes seja de trânsito, seja das escola, do trabalho, da vida. q essa interferência não seria vista e tratada como algo irrelevante, como uma anomalia, como força q é apenas de crença inútil, mas q reverte-se sobre a situação criando ela na sua operação.

*. segundo poderíamos dizer q se sabe mas se faz de conta q não se sabe. o q não parece ser verdade. a má-fé aqui não se aplicaria tão bem como seria preciso. mesmo q certa dose de má-fé parece ta implícito em todas as ações. bastaria olhar atrás da caixa e se veria q ali não há ligação nenhuma com o poste, com o semáforo. mas mesmo q ali tivesse um fio, não se levaria o raciocínio q ele não mudaria o sistema: alguém, mal intencionado, cortou o fio.

- *. terceiro poderíamos dizer q esse não saber ou não querer saber alivia a tenção de esperar. escapamos seguros de interferir mesmo não interferindo em nada. mas não ficaríamos ali esperando feito idiotas q um mecanismo indiferente aja por eles. tão ali conscientes, livres, dominadores, senhores da situação.
- *. foi pra isso q a caixa foi desenhada, projetada, feita, reproduzida, aceita e aplicada. design perverso: caixa q usa as ilusões sociais, pessoais, educacionais, familiares, pra manter a manada quieta, ordeira, calada, esperando o momento estabelecido.
- *. tudo verdade! mas se fosse apenas mais uma invenção do design perverso q entope a vida de todos, isso não teria maior dimensão. essa caixa pode dizer mais. ela representa a maneira como pomos as regras dos jogos q somos nós, q é a própria máquina tribal, em funcionamento, em andamento, em jogo, em relação, em ação, como manipulamos, sabendo ou não, querendo ou não, as forças do existente.
- *. cada máquina contratual da máquina tribal é conjunto articulado, móvel, múltiplo, de jogos e suas regras, de programas e suas formas, de links e seus desejos, de ordens e contra-ordens, senhas e contra-senhas, códigos e contra-códigos, desejos e contra-desejos, crenças e contra-crenças, lógicas e contra-lógicas, forças e contra-forças, unidades violentas e ativas, potencialmente perigosas, desejantes, desejáveis, constantemente tendendo ao mutável, ao reorganizável (condições fundamentais pros trabalhadores do presente do "capitalismo").
- *. esse sistema inteiro de redes instáveis, inconstantes, variáveis (mas ao mesmo tempo rodando em e com regras estáveis, constantes e invariáveis) é formatado pra funcionar autonomamente dum momento pro outro. viver autonomamente, livre, crendo nas crenças, nas formas, nas palavras de ordem, nos desejos, nas forças dis-postas, crendo nos lugares, no seu lugar. sem se descontrolar, sem explodir o todo máquina contratual nem explodir o sistema inteiro. os jogos de forças e suas regras mantêm tudo no devido lugar e funcionamento: a máquina contratual se realiza, só realiza o mundo à sua imagem e funções.
- *. a des-con-figuração pode ser individual ou coletiva, mas é sempre ad-vinda das forças e das regras dos jogos de forças (a máquina tribal precisa, requer, instaura, força: o entrenós q é a máquina tribal em seu momento deus: momento incessante e onipresente, como cabem todos os deuses, totalidades, sociedades): regras, antes de tudo, agora, individuais (e no jogo e relações de forças individuais e tribais o real se instaura como-é). a instabilidade das forças faz parte constitutiva da máquina tribal no seu momento capitalista: não há mais, há muitos séculos, a possibilidade da solidez, da estabilidade, do fundamento: tudo q é metafísica se dissolve no ar, e volta como força pras máquinas contratuais.
- *. a máquina nos semáforos é apenas uma pequena e disponível brechinha no conjunto das redes q é o real em seu horror.

*. a luta pela liberdade tem sido determinante pra compreensão do mundo, do indivíduo, das forças em atuação há pelo menos três séculos. não é questão simples nem escolástica. por ela passam quase todas as questões. mas não podemos esquecer uma "história da liberdade" como uma história intrinsecamente ligada ao mundo do capital, mundo da burguesia, das nações, estados, suas revoluções e conseqüências, mundo industrial, mundo das cidades. o q faz o afunilamento das nossas questões passarem pelo conceito, pelas noções, pelas teorias, pelas experiências da liberdade deixou de ser meramente político ou filosófico. no entrecruzamento, nas transversais da liberdade, coisas demais se articulam. esses nódulos são essenciais pruma outra visão seja do "mundo", da "política", do "sujeito", da "vida". quando se pensa em "máquina tribal" se tenta, no fundo, pensar a liberdade, a possibilidade da liberdade, a dimensão do grande estrago e as possibilidades de se pensar, viver, sentir, lutar num mundo q não seja apenas o "ventre da baleia".

*. a "questão" ou o "problema da liberdade" é central à toda inquirição da filosofia. sem enfrentar até o fim, isto é, até o mosto, até o chorume, qualquer raciocínio fica viciado, falso no seu "fundamento" [todo fundamento deixa de ser fundamento se há deslocamento do singular pruma máquina tribal, ou pra deus ou pra nação: qualquer totalidade engole ou todas ou certas liberdades]: se a liberdade, a vontade, a autonomia forem apenas ilusões funcionais, conseqüência de posições inescapáveis, inclusive esse raciocínio deixa de funcionar como pretende (e passa a ser um "funcional" da máquina tribal). se "todas as coisas" do entrenós tão funcionando por forças postas a trabalhar sempre por outras forças, outros poderes, outras matérias, q criam como necessárias a ilusão de liberdade, da vontade, da autonomia, essa questão derrapa nessas forças pra dentro do entrenós, pra dentro da máquina tribal, pra dentro das redes de jogos de forças da máquina tribal e se torna válido, legítimo, lógico, científico, real apenas quando combina com esse mesmo "ambiente". esses "conceitos essenciais" se tornam apenas efeitos ilusórios dum funcionamento q nunca parte dos seus exercícios nem chega a seus fins. só se é livre quando se crê em conjunto q se é livre: só se é autônomo quando se crê na autonomia: a vontade só é vontade se põe em jogo, se se põe no jogo de forças e só é vontade porq manipula essas forças com essas forças, sem realmente se tornar vontade, autonomia e liberdade (o indivíduo derrapa pra dentro da máquina tribal q gestou ele): seguir as forças dis-postas enquanto feixe máquina contratual apenas adia a questão.

*. um contractu é vínculo firmado, tautologicamente, por duas ou mais máquinas contratuais por "livre vontade" com responsabilidade interpessoal pelo ato e relação, sendo isso resguardado juridicamente enquanto instância contratual maior: o contrato é negócio onde se vende, se dispõe, se dá, faz circular alguma forma de "mercadoria", de "valor", de "forças" do interesse das partes como manutenção, criando, modificando, multiplicando e extinguindo forças, posições, relações, sendo a forma de ser na máquina tribal, q é também forma monstruosa e imaginária de máquina contratual: a comunicação se impõe como contrato: só compreendo [só é inteligível, comunicável, intercambiável, perceptível] se é do meu interesse, se faz parte do q desejo, do q me fortalece, do q não me envenena, se é do meu con-sentimento, do q segue minhas forças, do q já faz parte do meu corpo, do q faz parte daquelas forças q aderi, dos sistemas de crenças, conhecimentos, práticas, rituais das minhas relações, do meu convívio: o contrato e a comunicação só existem por buscar relações, por gestarem relações, produzirem corpos, q levem vantagens de todas as ordens possíveis: exige regras e se faz por essas regras: faz as regras surgirem e seguem as regras jogando:

nesse tipo de contrato não entra em relação a liberdade, q não existe, mas existindo imaginariamente é também parte das trocas: os contratos são racionalizáveis, mas não são racionais: são jogos do viver na máquina tribal, q assim cria não apenas seu real, seu imaginário, mas todos os elementos q possam vir a compreender: o contrato não precisa de história ou de política, nem princípio nem fim, mas de relações interessadas, sempre no e pro imediato [as produções das próprias máquinas contratuais se dão assim]: sua forma lógica é o círculo vicioso e isso basta em suas regras pra fazer funcionar mercadorias, sentimentos, corpos, relações de todos os tipos, idéias e formações e instituições essenciais da máquina tribal: o modelo é o dinheiro.

*. é a gramática das forças, a lógica das forças, os jogos das forças num jorro ordenado pelas forças, sem começo, sem base, sem fim, q somos, q nos faz ser e continuar sendo; q nos faz pensar, desejar, agir: o fora desses jogos, dessa gramática, dessa lógica, desses rituais é apenas um "dentro" escondido: liberdade, vontade, autonomia fazem parte disso q parece "fora", parece antes, parece força fora das forças.

*. a gramática da máquina tribal in-corpora tudo: liberdade, autonomia, vontade são invenções típicas da "cristandade", invenções da máquina tribal e isso tem suas funções: não é gratuito o sentimento e a necessidade q sentimos por esses "conceitos", por uma "forma de vida" pessoal e coletiva onde existiríamos "independentes", fora das funcionalidades duma máquina tribal (se é assim toda "luta contra o insuportável", contra o horror, não passa de "modernizações" da própria máquina tribal).

*. somos "apegados" a esses conceitos porq eles servem perfeitamente a máquina tribal. se fossem oxidantes, ácidos, vírus "de verdade", poderes autônomos q pudessem se voltar contra a máquina tribal, seriam mais "metafísicos" do q normalmente são: criar vírus ou forças destrutivas do horror da máquina tribal faz parte dos "programas necessários": é irrelevante a arte, a literatura, o amor, a loucura, o suicídio, a revolta, a revolução: a máquina tribal é quem "vomita" tudo isso e ao mesmo tempo devora o q vomitou: regurgitofagia.

*. uma lógica heracliteana, um pensamento dialético, um conhecimento em mutação, uma ciência funcional, uma realidade múltipla e móvel: tudo isso, ou só isso, é possível apenas por haver pra isso e porisso um entrenós mercantil, monetário, industrial, liberal (e "totalitário democrático"): sem essa rede íntima entre moeda e conhecimento, entre mercadoria e corpo, entre lógica e indústria, entre mercado e vida o existente seria vivido e pensado doutra maneira: essa obviedade nos põe na máquina tribal, num momento da máquina tribal, e até mesmo esse pensamento faz parte desse momento: o novo, o mutável, o histórico, o revolucionário, a revolta, o fluir só é possível numa tribo mercado, e essas são suas condições: é porisso q todos os fluíres, todas as revoltas, todas as novidades, todas as invenções, todas as revoluções, no "momento capitalista" da máquina tribal, sempre alimentaram a própria máquina tribal, q define sem heresias, teorias revolucionárias, tecnologias e teorias "radicais": o radical faz parte inextirpável do mundo da mercadoria: a raiz é o imediato.

- *. a máquina tribal produz o verdadeiro e o falso como formas do mesmo, com funções, táticas, poderes: os “dois” são produzidos por classificações, ordenamentos, saberes e se colam a determinados poderes com específicas funções e, nesses lugares, se tornam ou pólos opostos (“esquecidos” da sua produção, gestação, vivência comum) ou inter-relação constante de existência: produzir o falso e o verdadeiro fazem parte das produções do real
- *. o corpo e seu imediato: redes múltiplas de forças mutantes onde são criados, reproduzidos, mantidos a temporalidade enquanto condição vital: o corpo e seus imediatos, seus temporalizadores, é o q “pode ser pensado”.
- *. a máquina tribal é centrífuga, sem fora, sem embaixo, sem antes, sem depois, ou dentro: centrifugadora.
- *. tudo q é criado, toda novidade, toda revolução, revolta, resistência, evolução, mutação são funcionais, “exigências vitais” da máquina tribal em seu “momento capitalista” (com surgimento necessário como “espírito do mundo”). qualquer ordem ou desordem, qualquer hierarquia ou dissolução, qualquer equilíbrio ou desequilíbrio jorra do funcionamento da máquina tribal e são necessários. sem as revoltas, as invenções, as novas idéias, as explorações, as revoluções, as resistências, as guerrilhas, os golpes – a máquina tribal enferrujaria e teria q engendrar guerras, genocídios, fomes, eliminações – convulsões até a próxima normose.
- *. conhecer o “modo de produção” de algo é conhecer adequadamente esse algo. esse conhecer é índice de si mesmo, não precisa ser “adequado” ao algo. ao conhecer o “modo” ou os “modos de produção” de algo isso já é a adequação. o conhecer de algo é imanente ao algo, sem q seja necessário critérios pra esse conhecer, sendo esse modo de conhecer quem avalia aquilo q é impertinente, falso, e não o contrário.
- *. a máquina tribal se produz a si mesma, homens e coisas, relações, matérias, imaginários, temporalidades: essa auto-produção é o próprio “modo de produção” do real, o mesmo do conhecimento q parte das gêneses de algo. a máquina tribal se produz ao produzir as produções, ao produzir os produtores, homens e coisas. as “causas” da máquina tribal são dela mesma, sem visar nenhum “fim”, sendo essas produções seu próprio fim. entre as produções, o produto e o conhecer não há distância se se compreende a máquina tribal. não há mistério algum, distância alguma, entre as produções, os produtores e o conhecer: distância pode ser entendida como reificação.
- *. o tempo da máquina tribal é o imediato, isto é, a eternidade, q não é tempo: passado, presente e futuro são imaginários de manutenção, imaginários de produção.
- *. vejamos: - felicidade é conhecer a si mesmo e a máquina tribal: é sonhar sempre um sonho mais forte na direção das suas forças mais potentes, mais alegres: é não cair nas ilusões da máquina tribal, mas dissolvê-las pra si: é gozar os afetos alegres – a liberdade é isso: sou “alguém” da máquina tribal, logo, determinado,

condicionado e livre, porq conheço tanto a máquina tribal quanto a mim-nela: - isso tudo não se tornou apenas ironia ou ingenuidade, mas pura e simples perversidade.

iv

“Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém ...
Sem ti correrá tudo sem ti.”

Álvaro de Campos

*. não se nasce: nascer é discurso assumido por uma fala em busca de origem, de justificativa, sempre dentro de lógicas metafísicas, históricas, mitológicas, produtivas. nascer equivale ao “início do investimento”: a máquina contratual produtiva reprodutiva “deu certo”: discurso q camufla os amarramentos q formam a máquina contratual (o indivíduo, o sujeito, a besta de carga, o reprodutor, a pessoa, o eu, o produtor, o servo, o trabalhador) e suas funções, lugares, permissões, território, negações, participações e não participações, identidades, sexos, cores, poderes, direitos, deveres, proibições, limites: a origem é a marca, a ferradura, o pertencimento.

*. não se morre: o “ser-para-a-morte” de algumas filosofias [covardia de certo cristianismo medroso, diferente do cristianismo de vieira], ou a morte como “conseqüência da vida”, a morte orgânica, morte cerebral, morte-em-vida, esconde q nenhuma das máquinas contratuais morre pra si: a morte não é jamais um “problema pessoal”: mas algo-tornado-pessoal, corporal. essa analogia com máquinas contratuais q apagam, morrem, ofusca q a morte não é “constitutiva” nem existente: pra existir o mundo (a máquina tribal universalizada e naturalizada) teria q “ser”, teria q ser natural, orgânico e, por extensão, histórico, temporal, social (et cetera), o q seria continuar transpondo as teorias, as interpretações, as justificativas, os mecanismos de poder, as camuflagens da máquina tribal, pruma “existência”, tornando sua funcionalidade viciosa em “realidade”, em imediato: faz parte da máquina tribal criar e manter discursos sobre a morte não porq seja ela existência, incômodo, lógica da vida, fim da vida (estranhamente não é começo nem fim), mas porq assim se mantém a vida em sua operacionalidade (os imaginários da morte laboram ritualmente como verdades e realidades por serem úteis): o horror da morte garante a persistência das máquinas contratuais, a funcionalidade integrada e a realização das mais secretas coisas expostas da máquina tribal (típica “máquina de explosão”: não existe sem guerras, revoluções, revoltas, crises, medo: o horror não é destacável ou superável): se vive apenas pra se produzir nas produções. morrer inter-fere as produções, a não ser q a morte

seja re-querida pra essas mesmas produções: não há liberdade nem pra se nascer nem pra morrer: não se escolhe nascer ou morrer: não há morte nem nascimento por acaso: ninguém faz falta nem falta.

*. não se tem medo-de-morrer: se afastar da repetibilidade, dos rituais q criam o existente, o viver, o único viver, geram nas máquinas contratuais dores, terrores, depressões: não poderão mais continuar servindo, reproduzindo, formatando: temem q a fábrica feche, q o negócio desande [triste ilusão: o capital flui sem trabalhadores: sacos de energia murchos, secos, gastos, descartáveis, reciclados]: mas a fábrica precisa desse medo, dessa angústia: tudo isso são energias necessárias: são seivas vitais da mesma maneira q todos os prazeres, felicidades, realizações: sem o medo da morte algumas forças necessárias desapareceriam, mas inda assim a máquina tribal continuaria sem problemas.

*. toda prática e toda teoria q tem a vida como princípio esconde um mecanismo simples: salvar vidas, conservar vidas, manter vidas, defender vidas: valorar a vida tem uma função estratégica e tática, serve pra alguma coisa [antes de significar ele serve de algo, serve a algo: ele significa pra servir: é teórico pra ser prático]: valorar positivamente e salvar pra trabalhar, se reproduzir, consumir, servir: a escravidão, a exploração, as produções: vida q não trabalha, não se reproduz, não consome, não serve, não é a vida defendida [ou é forçosamente defendida: por extrapolações forçadas: a significação, nesse momento, parece ser essencial: a teoria supera a prática, o sentimento supera o operacional] por medicinas, filosofias, morais, políticas, educações.

*. toda vida perigosa pra manada não é respeitada, mas eliminada, torcida até servir, silenciada até aceitar. a máquina tribal precisa apenas de vida dócil [ou vida indócil é gerada e insuflada por vários meios quando "necessário", no mínimo pra ficar como "exército indócil de reserva"]. morrer, se matar, matar é crime (mas profundamente re-querido e indispensável) por poder afetar, antes de tudo, as produções, os consumos, as servidões (mas jamais afeta real e essencialmente): todas as razões religiosas, éticas, jurídicas, médicas, são apenas ofuscamentos da máquina tribal escondendo com filosofias, leis e religiões o inútil gasto, o desperdício (sempre assimilável, gerando depois sempre mais energia): a idéia vida é noção nazista, tipicamente cristã-capitalista: mantemos, cuidamos, protegemos, curamos, alimentamos, educamos – pra q isso produza as produções, produza os consumos, produza as reproduções, e sirva: a máquina tribal faz e "sempre" fez o elogio profundo da vida, a prática radical da vida, reflexão necessária da vida pra salvaguardar os poderes, as forças necessárias da máquina tribal: mesmo as mitologias da morte, os exemplos de sacrifício, o sofrimento, as punições são elementos da noção operativa de vida.

*. até a morte, sendo sempre dominada, controlada, hierarquizada, disciplinada (assim como a vida, q não passa de formas de controle: e as formas de controle são as formas), faz parte da máquina tribal como mecanismo de controle, metabolismo, revigoroamento, potência. tudo q ronda a morte (como guerras, suicídios, misérias, explorações, genocídios, segregações) são partes constitutivas, imprescindíveis, da máquina tribal: é regendo a morte q a vida servil se torna o principal eixo de preocupação de práticas, de procedimentos, de produções, de teorizações: a vida é a máquina contratual (individualizada) q possibilita a máquina tribal produzir as produções.

v

*. formatação são forças ritualizadas, codificadas, em rede [q incidem profunda, minuciosa e laboriosamente sobre os devires q jorram em caos dos corpos], q inscrevem o corpo [não sobre o corpo, q não nasce, não existe enquanto corpo, mas se fará entre esses poderes, essas forças formatadoras, afecções q produzem cada máquina contratual] tornando esses devires caóticos em corpo, corpo orgânico, corpo social, corpo histórico, corpo político, corpo sexualizado, corpo protocolar: corpo é o amarramento das forças cruas dos devires caóticos por forças inscricivas, amarrativas, integrativas: criam o ser-social pras suas funções: como não há corpo universal e natural, corpo é malha multidimensional de marcas, ferraduras, impressões, códigos, memórias q, depois de im-postas, se tornam autônomas, criam a autonomia re-querida, se auto-impondo enquanto máquina auto-regulada, q toma conta da sua vida (produz reproduz “sem ninguém mandar”): ele é construído pra funcionar assim, pra crer no q deve crer: essas crenças são práticas, forças integradas pras produções.

*. o suporte fantasmático das idéias de natureza, deus, sociedade, homem, humanidade, educação, felicidade, prazer, liberdade, amor, desejo, relacionamentos, diálogo, justiça, consumo, história – é a vida como máquinas contratuais protegida por tudo pra produzir, reproduzir e servir: tudo gira pra proteger, justificar, reproduzir, e esconder (numa repetibilidade nauseante e circular), as razões operacionais dessas máquinas contratuais pra essa grande máquina tribal, q pode inclusive dispor de muitos dessas pequenas máquinas, sem afetar nada dessa grande máquina [a grande máquina pode dispor eliminar, excluir, abandonar, desviar, despojar, expulsar sem q isso inter-fira no seu funcionamento: esse funcionamento precisa, inclusive, de todas essas formas perversas, esquizóides, históricas, narcísicas, anais, coprófagas, necrófilas, tornadas disfunções, desvios monstruosos, mas q são apenas normoses funcionais].

*. os discursos pra manter a vida, na “servidão medieval”, eram insuficientes pro “mundo do capital”. novos discursos, novas práticas, novos rituais fundaram a vida em outros princípios, razões, interpretações e leis, mas a operação continuou a mesma: garantir a atividade produtiva das pequenas máquinas, agora máquinas contratuais orgânicas, econômicas, históricas: interpretar é esconder, é pôr na ordem-do-existente (o imediato) o q se encontra apenas na ordem da teoria, e esconder isso: o teórico parece prático, mas só parece.

*. os predadores fazem parte das manadas: não são espécies distintas e autônomas: o leão é uma forma de zebra, a anta uma forma de onça, o capitalista uma forma de “operário”, um “latifundiário” uma forma de “camponês”: a máquina tribal gera o jogo perverso das várias formas como se fossem formas diferentes e faz a diferença se tornar tão diferente q além de parecer parece se tornar: e as dicotomias se aliam a outras forças q fazem a máquina tribal funcional. sem esses atritos parte das forças seriam comprometidas.

*. a máquina tribal – sem dicotomias, colisões, embates, contestações, resistências, oposições, contradições múltiplas, crises, revoltas, revoluções, guerras, sem inimigos, sem alteridades internas e externas, sem marxismos, anarquismos, terrorismos, revoltas, discordâncias, emperramentos, exigências de todos os tipos, lutas diuturnas “contra o sistema” (sem uma tectônica dos elementos) – não “funciona bem” nem “evolui”, não desenferuja nem se azeita: todas as “alteridades ameaçadoras” são energias pra máquina tribal nesses últimos séculos: elas são criadas, reproduzidas, alimentadas, fortalecidas e incorporadas o tempo inteiro: antes de tudo é forma, existência: não há as contradições e as máquinas contratuais.

*. as energias q jorram das máquinas contratuais são devires crus q, imediatamente ao jorrarem, são formatados por forças, afetos, toques, rituais, disciplinamentos, imaginários – quando essas afecções disciplinares, esses poderes q dão sentido porq criaram o corpo e mantêm o existente, desaparecem, deixam de significar, de poder, - ?q resta: sem um substrato natural, social, humano (metafísicas), existente sem essas forças formativas, sem esses poderes de crença e poder, sem essas forças criadoras do existente – !nada: antes, depois, dentro – se não somos mais do q o ser das forças q faz esse corpo – as idéias forças q forçam isso a estar e continuar-estando: essas funcionalidades tribais, esses jogos – sem origens e metas, sem razões – máquinas contratuais formatadas operacionalmente pra produzirem produções, servirem – onde toda liberdade, toda autonomia, toda vontade, toda consciência, todo saber, não passa de condições de operacionalidade, de organograma, pra máquina tribal – onde e quando nem se matar deixa de fazer parte – viver ou morrer, tar vivo ou morto, ter vivido ou não nascido – o imediato torna tudo um criar, descreir, densa profusão sem profundidade: onde qualquer “transvaloração de todos os valores”, qualquer “revolução social”, qualquer “comoção”, só consegue impor novos valores, novos arranjos, novos q são os mesmos (tudo muda pra continuar o mesmo) pra máquina tribal: qualquer revolução é apenas ritual da máquina tribal: ilusão de servir.

*. as máquinas contratuais, q são rituais, jogos, forças, programas, teias lingüísticas, comportamentos, atividades e crenças tornadas corpo, exatamente porisso foram produzidas capazes de recriarem em cada “instante” a si mesmas e as relações com outras máquinas contratuais e com a própria máquina tribal enquanto totalidade: corpo é exatamente essa capacidade sempre em exercício em rede.

*. a máquina tribal são produções, o q produz tudo, o q se produz com as produções, todas as produções, produções internas criando “produções externas”, atividades, causa ativa e livre por não ser constrangida em nenhuma das suas dimensões por nada maior ou igual e ela; já as máquinas contratuais são construídas, administradas e constrangidas por forças externas, feitas por forças externas, sempre em confronto, redes vivas de ação e paixão [“foram tornadas capazes”, existente e atuantes, pelos encontros de corpos, de vidas, de forças nos choques e entrechoques em formatação: cada máquina contratual é composta por marcas, cicatrizes, signos, dobras produzidas nos confrontos q se tornam corpo: caos tornado existência com a existência da máquina tribal], partes da máquina tribal, afecções: as máquinas contratuais são máquinas apaixonadas, tecidos de paixões, não máquinas livres, agindo não a partir delas mesmas, mas por causas q não são criadas por elas: a libertinagem, não a liberdade, são redes vivas e abertas, dispostas pelas forças da máquina tribal nas máquinas contratuais [não é criar-se,

mas assumir suas forças na medida das forças]: imaginários em batalhas entre forças de todos os tipos: apenas quando assumo essas forças, quando não resisto a elas, mas incentivo na mesma direção ou na direção das forças ativas contra as forças reativas, na mesma profundidade e potência, tornando outras forças as forças q me fazem estar, posso repensar a libertinagem também como algo q advém de mim: eu e minha existência podem sonhar dispor uma “estética da existência”: mas essa estética não pode se pôr fora da máquina tribal: essa existência estetizada é parte constitutiva e operacional da máquina tribal.

*. o “iluminismo como movimento” onde a razão começa a se “liberar da autoridade”: ?como a razão pode se liberar da autoridade quando é a própria “autoridade” quem cria e possibilita a razão, sendo seu fundamento de força. quando a razão se coloca como autonomia, crítica, livre, com poderes de liberar a máquina contratual e o mundo – ela esconde, ela é o esconderijo da autoridade e da sua autoridade, a quem ela autoriza, o q ela autoriza, q poderes ela esconde ao se tornar tão “esclarecida”, iluminadora, eixo duma necessária maioria. o “pensar por si mesmo”, a “maioridade da razão”, q é maioria do cidadão, do indivíduo, do trabalhador (apenas pra se tornarem melhores servos) só são possíveis num momento da máquina tribal onde vai surgindo a necessidade e a possibilidade dessa autonomia, dessa maioria, dessa liberdade, desses direitos, e também como chegar a eles de toda maneira.

*. só criamos conhecimento enquanto abertura, alegorias da máquina tribal, isto é, são configurações objetivas da máquina tribal q geram forças de criação enquanto existentes, antes, na máquina tribal: só podemos “compreender” as “sociedades animais” quando a própria máquina tribal se apresenta como “sociedade” e as máquinas contratuais como “animais”.

*. não há nenhuma relação (e tudo são relações em movimentos instáveis, forças entre forças) q não se tenha estabelecido como relações de propriedade: as relações são propriedades (monetárias): compreender as redes monetárias, as relações de propriedade, já é compreender muito da máquina tribal.

*. nossa ânsia de autonomia, de liberdade, de saber, sempre mais e sem fim, são não apenas “condições imaginárias” do capital, das suas produções e das suas “sociedades”, mas condições concretas dessas produções: saúde, segurança, educação, moradia, direito ao trabalho e ao voto, todas são necessidades fundamentais: se as manadas não tiverem isso não tarão preparadas pras produções da máquina tribal e as produções não terão suas condições: sem esse escorpião metafísico não se consegue pensar.

*. ?pra q tanto empenho (muitas vezes suicida, assassino, genocida, policial, militar, torturante) numa “crítica ao mundo em que vivemos”, pelo menos desde o século xviii. ?por q tanto “esforço pela liberdade”, pela “liberdade do povo”, pela “autonomia do indivíduo”, pela “autonomia dos povos”, pela “educação dos trabalhadores”, pela preparação técnica do sujeito, pela cura e “limpeza do mundo e das pessoas”: todas essas filosofias, ciências e políticas nos preparam, ao mesmo tempo em q são as condições pra sermos os “trabalhadores do ano”, aqueles q conseguem sempre azeitar a máquina da melhor forma possível, tando sempre apto as suas mais secretas necessidades. pra quem não aceitar azeitar há sempre o exílio, a tortura, a morte, os campos de trabalho, a separação do resto da manada.

*. a maioria da razão kantiana é perverso sonho da máquina tribal: é com esse sonho q a máquina tribal prepara todas as suas formas de “abelhas, formigas e cupins”.

*. a tragédia é o afastamento do indivíduo, por transgressão, da máquina tribal travestida de deus, deuses, natureza, ordem, família: sua destruição, decadência, punição, dissolução se dá por ele entrar em choque contra o horror: o abandonado, o perseguido, o separado, o punido por deus (cidade, estado, grupo, amigos: a máquina tribal): afastado, apartado, sangrado, posto em solidão: a liberdade, a autonomia, carregam essa dimensão trágica: delas grande parte da máquina tribal capitalista [máquina essencialmente trágica] absorve e cria forças.

*. a consciência, a razão, a filosofia não podem “consolar”, não podem “curar” [a “idéia final” de espinosa não tem sentido algum]: os envenenadores são, basicamente, a consciência e a razão: o veneno não consegue se desvenenar: muito ou pouco, pode apenas envenenar mais: pra quem ta ou pra quem sempre foi empanzinado nenhum “alimento” teórico, racional, poderá “aliviar”, tirar o peso: se o corpo não assume com suas forças, seu delírio monstruoso, envenenado e envenenador, enrustido, ressentido, escravo q é a consciência e sua criação nazista (a razão) – não há escapatória: seguir as forças positivas, alegres, ativas do corpo contra a consciência-razão: usar a parte pensamento do corpo a favor do corpo: e tudo isso servirá plenamente à máquina tribal, q agradece tanto empenho.

*. a “substituição” de deus, divino, espiritual, mítico, por econômico, social, histórico (o demasiadamente divino pelo demasiadamente humano) nos faz desconfiar q os “dois campos” flutuam no mesmo vácuo perigoso, e q os “dois” querem e lutam desesperadamente pela verdade, objetividade e realidade: apenas subjetividades objetivas de momentos da máquina tribal.

*. tudo aquilo q nomeamos sociedade, natureza, deus, homem, humanidade, existência é a máquina tribal: tudo é criado por ela nos infinitos jogos do entrenós: ela somos nós, nós somos ela: criador e criatura: mega formigueiro: tudo tornou-se adequado à máquina tribal: até o inadequado: tudo é alimento pra ela: o inadequado é apenas um momento da máquina tribal, não sua “condição de produção”: ela é produtora de todos os sims e todos os não, juntos com todos os talvezes: essa potência ou impotência, nossas felicidades, paixões, alegrias, sofrimentos, gozos, tão ligados à máquina tribal: as energias negativas, as tristezas, as perturbações, os sofrimentos, as privações, são os desacordos com a máquina tribal, com o entrenós: os acordos são alegrias, as paixões, os gozos, as realizações: mas acordos e desacordos fazem parte da máquina tribal na mesma medida.

*. poderes de crença, forças de normas, comportamentos, rituais articulados enquanto práticas vivas no imediato, jogos vitais, criam a máquina tribal enquanto máquina de sobrevivência, expansão e preponderância das manadas: violência e poder, crenças e práticas, forças em rituais, normas e leis, todos voltados pra

expansão, reprodução, produções, sobrevivências do entrenós da máquina tribal: sem essa dimensão cooperativa não existiria a máquina tribal, q se constitui de dimensões viscosas, transversais, ficcionais, regras de jogos em constante movimento e estabilidade: eis o real, eis o mundo, já não sendo.

*. nada mais diverso, múltiplo, polivalente, plural q a máquina tribal: a unidade totalitária enquanto unidade monstruosa (a multiplicidade também é fascista): os muitos, os diferentes, as transversais, as multidões, os vespeiros são um-corpo, a máquina tribal: esse uno em força e poder, uno em substância, em realidade, uno na diversidade, presente em todas as divagens, o deus, o pleroma, o universo dos místicos, dos religiosos, dos filósofos, dos cientistas, essa presença criadora destruidora, onipresente, onipotente, onisciente, isso-q-nos-supera, nos antecede e continuará, isso q nos cria, formata, reproduz, mantém, é a própria máquina tribal.

*. a idéia, a noção, o conceito, a alegoria de máquina tribal é sintoma profundamente perigoso: algo como a máquina tribal permite ser vista (nada mais evidente), se tornar visível (?qual a função disso).

*. a "existência" e a "essência" das coisas, por terem sua necessidade fora delas, não existindo por si mesmas, dependem/são a máquina tribal através das máquinas contratuais e das forças ordenadoras da própria máquina tribal.

*. "... nada pode existir, mesmo por um instante, sem que sua existência deixe de ser *criada a cada instante*" pela máquina contratual q é formatada formada, feita funcionar pela máquina tribal: a máquina tribal não está "por fora" como um cenário, mas como forças constitutivas, consubstanciais, q põem e conservam as máquinas contratuais, q são as q põe em jogo, em atividade, em atuação os rituais, as defesas, os programas, da máquina tribal em "cada instante", pois a "duração objetiva" tanto da máquina contratual quanto da máquina tribal é o imediato, q por ser um passar, um múltiplo realizar, ex-poli-ação, fluxos múltiplos ritualizados, não é tempo, mas conceito, "maneira de pensar", "ente de razão", maneira de viver os jorros imaginários q alimentam o imediato fazendo ele funcionar, isso sim sendo tempo, os imaginários de forças q produzem o existir.

*. qualquer tentativa lógica, científica, religiosa, experiencial pra tentar dar conta da "origem", das "razões", dos "sentidos" maiores, supremos – terminam em metafísica chula, isto é, esquecendo q são explicações e q são explicações criadas com os próprios elementos, forças, raciocínios, perspectivas, sentimentos, crenças, matérias, formas da máquina tribal, q só pode ser compreendida até um limite, re-flexivo, curvo, q remete imperceptivelmente ao próprio umbigo, aos campos saturados da máquina tribal. enquanto o "dentro" é vivencial e se desenrola enquanto "interior" da máquina tribal, o "fora", o "antes", termina em transcendência (q é uma maneira de ver "interna"), em camuflagens das forças da máquina tribal q, normalmente, concluem suas questões metafísicas, lógicas, religiosas, ontológicas, científicas, nas destruições do outro [a negação hegeliana q não passa duma replicação da afirmação: o real não se processa dialeticamente (isso serve pro dinheiro e pras mercadorias): esse é um "ente de razão" estatal, capitalista, q desvia o pensamento da máquina tribal], nas incorporações [sem fazer

parte, sem aceitar fazer parte, de alguma maneira o outro não é o outro], nos mercados, na força das armas, na política, no apagamento de perspectivas sob a potência da perspectiva da máquina tribal naturalizada e universalizada (única forma de sua existência).

*. somos filosoficamente “perturbados”: o “advento da burguesia”, o “renascimento”, o “iluminismo”, a “ciência”, as “revoluções”, as “revoltas populares”, o “individualismo”, a “liberdade”, a “razão”, a “democracia”, o “liberalismo”, o “socialismo”, o “consumismo” – radicalizaram a esquizofrenia do imaginário filosófico: quando incorporou “verdades funcionais” [ligadas ao funcionamento interessado de algum mecanismo, esgotando sua vigência no funcionar enquanto funciona], quando incorporou “elementos passageiros” [como se fossem essenciais a compreensão, fazendo eles parte apenas do “movimento conjuntural”], quando se relativizou o existir desde a medula: quando tudo foi sendo ao mesmo tempo universalizado, naturalizado, historicizado e sempre com elementos efêmeros, não se conseguiu compreender essa efemeridade, essa relatividade: a filosofia q sendo religiosa, medularmente metafísica, buscando eternidades sem dizer, passou ainda mais a ser-vir sem vir-a-ser um “enfrentar o horror”: sendo a dialética a mentira do mesmo, a teoria da complexidade apenas uma ajuda lógica dos sistemas da máquina tribal, e as filosofias individuais apenas perspectivas relativas a cada um e seu grupo, ficaram as filosofias a reboque dos imaginários midiáticos, dos sentidos comuns das “histórias das idéias”, das doutrinas – e esqueceram q sua forma de existência só poderia ser a do enfrentamento, a da mutabilidade guerrilheira: sob o regime das universidades, do mercado, do estado, as filosofias se tornaram pedagogias: e o q é pior: quando viram q seu enfrentamento, q o “enfrentamento do horror”, o enfrentamento possível – depois de todos os genocídios dos últimos cento e cinquenta anos, todos os campos de extermínio, todas as guerras, todas as misérias, políticas, ditaduras, autoritarismos, totalitarismos de esquerdas e direitas – não passavam de perspectivas da máquina tribal, inflexões tribais: e o “bom combate” contra a alienação, a miséria, o horror, em prol da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da abundância, tornou a esquizofrenia tradicional da filosofia uma impotência catatônica e patética: pensamos apenas o q é preciso, necessário, obrigatório pensar: a máquina tribal não brinca, não ri, não faz cócegas, não tem humor: todas as possibilidades da liberdade não passam de necessidades q precisam ser satisfeitas, realizadas, incrementadas.

*. sem levar em conta a produção dos conceitos, das noções, das idéias, das lógicas, dos saberes, das práticas, de todo o real como funcionais, isto é, produzidos pela máquina tribal por suas configurações, ritmos, formas – e usarmos esses elementos pra criar um conhecimento coerente, compatível, equivalente, legítimo, verdadeiro, similar, taremos tão somente ajudando nos funcionamentos dos mecanismos, não enfrentando esses mecanismos: se levarmos em conta apenas a historicidade das coisas perderemos a máquina tribal.

*. não posso “agir segundo a necessidade da minha essência” porq “minha essência” advém de forças externas a mim agora [o agora q é todos os antes]: posso apenas agir conforme essas forças, seguindo o rumo dessas forças, apoiando e incrementando essas forças [isso já faz ou não parte das forças dispostas como esse eu]: minha liberdade existe apenas ao reconhecer a máquina tribal [e só posso reconhecer isso se em “mim” houver as forças pra essa compreensão, a utilidade dessa compreensão], eu mesmo e os outros como máquinas contratuais e incentivo, acrescento, faço mais fortes aquelas forças q reconheço ou reconhecem como

eu, e reconheço e reconhecem como aquilo q me singulariza, as forças q me tornam mais forte, mais pleno, realizado [funcionalmente sou construído pra várias poucas coisas: se não funciono numa delas sou um impostor ou um desgraçado, o q dá no mesmo, ou "alguém realizado", o q dá no mesmo: posso apenas fazer mais força, eis a liberdade, nas "minhas forças"]: lutar contra as forças negativas, tristes, q também sou eu, torná-las menores, reordenar as forças alegres: mas só posso fazer isso quando e depois q as forças q se apresentarem como "eu" sejam não-reativas, negativas, escravas, servis [e se não são é porq devem ser da maneira como se ordenam formatando e formando isso q sou "eu": esse "eu" foi feito pra servir pensando, teorizando, ensinando, escrevendo sobre a "máquina tribal", fora do tempo de certos trabalhos, não contando dinheiro num banco ou outra função qualquer: mesmo isso não sendo geométrico pelas variáveis, é geométrico exatamente pelas poucas variáveis, pelas poucas paixões postas em "realizar a vida"]: nada posso fazer se todas as forças, no fundo, são potências de servidão, de docilidade, de corpos escravos, de funcionalidade: o q não é funcional, realmente não-funcional, é realmente um "erro de programa", é eliminado: tudo aquilo q parece ser anomalia não passa de permissões necessárias na máquina tribal.

*. a máquina tribal só se torna um "ente", um "monstro", um "ser", um "poder", uma "realidade humana" [só se torna visível-como-não-deus, como-não-natureza, como-não-reunião-de-partes], depois q determinadas perspectivas se instauram [dissoluções capitalistas, ciências, filosofias, experiências] e a partir dessa perspectiva múltipla podemos "ver", "pressentir" a máquina tribal [q deixou de ser a "criação", coisa de deus e passou a ser chamada "sociedade", "história", "estrutura econômica", "modo de produção", "ocidente"]: essa totalidade é cada um, os rituais de cada um, as crenças, vontades, desejos, tudo em círculos viciosos q possibilitam, e sempre possibilitaram em fulgores alegóricos (místicos, religiosos, metafísicos, filosóficos, políticos, científicos), vislumbrar a máquina tribal: a partir daí as partes e o todo são um só: o monstro se estabelece, a alegoria sai pra dar lugar aos "governos", as "estruturas": as partes se destacam como se fossem livres, autônomas, não funcionais da máquina tribal, vivendo como se vivessem, pensassem, agissem por e "para seu próprio bem".

*. a máquina tribal possui duas grandes configurações: a primeira q vai do século vii/viii até o século xv (genealogias posteriores, forças dispostas em foco, caracterização, con-figuração: essas "datas" e todo o "antes" são produzidas "depois" e são apenas operacionais) e a segunda do século xv ao xxi (genealogia historicizante própria dessa configuração, a ela dependente, determinada): aí dentro todos os matizes, todas as formas de corpos, de desejos, de saberes, de crenças, de imaginários, de trabalhos, de sonhos – ligados diretamente a uma dessas configurações: a idéia de pensamento, de ação, de individualidade, de singularidade, de autonomia, só teriam sentido, teriam fundamento, se não adviessem numa máquina tribal, mas fossem o q os imaginários pensam deles, liberdades diante de si e das coisas, causas de si: mas nada é mais evidente do q a máquina tribal e o pensamento e a ação não podem mais perder essa "perspectiva": a liberdade só pode advir da máquina tribal.

*. a circularidade viciosa, a q remete a si mesma sempre negando isso [fazendo falsos movimentos espiralados, mantendo, bem junto, fantasmas, espectros de idéias] por não encontrar nada além de si mesma, é o "princípio lógico e ontológico" da máquina tribal [q não é lógica numa autonomia da lógica nem ontológica

numa medida do ser: tanto o lógico quanto o ontológico são “produções imaginárias” de forças da máquina tribal], q cria seus próprios fundamentos, razões, sentimentos, forças, temporalidades, espacialidades: os ritmos, os rituais da circularidade viciosa não permitem q seja vista [esses rituais circulares é o q faz “rodar” os programas das máquinas contratuais no imediato, os programas das manadas em produções]: ela aparece como linear, esfenooidal, rizomática, hipertextual por produzir sempre as produções: elas afastam a circularidade, e todas as suas variantes, e se impõem como progresso, evolução, finalidade: o niilismo essencial da máquina tribal some nas produções, é camuflado, apagado, reinvestido: as produções se impõem junto com sua lógica específica, com seus finalismos, suas formas, decadências, origens, matérias: enquanto em termos lógicos (filosóficos) é o círculo vicioso q toma o lugar do fundamento, isso se dá porq as produções escondem a si mesmas numa circularidade [q não pode dar conta das forças q puseram elas em andamento: seu conatus, suas “forças originais”, suas forças de preponderância, de sobrevivência, de mais potência, seriam metafísicas: vindas da criação, do “impulso inicial” dum deus: mas são isso mesmo, forças advindas da máquina tribal através das máquinas contratuais, seus desejos, forças, prazeres, necessidades, seduções, energias]: as “condições de inteligibilidade” são dadas, determinadas, dis-postas pela máquina tribal: a máquina tribal é “a causa primeira de todas as coisas e também a causa de si mesma”.

*. a emancipação: o “servo tornando-se trabalhador”: menoridade pra maioridade: da fé à razão: do cordeiro ao cidadão: do escravo ao consumista: emancipação do gênero, da raça: forças da máquina tribal: o desejo de emancipação é o mesmo da servidão: mesmas forças, “mesma origem”, “mesmo fim” - máquina tribal: uma “sociedade não-repressiva” é tão somente uma das formas de exploração, uma das formas de vida, de organização política, de movimento vivencial da máquina tribal, ou melhor, de determinado lugar e momento da máquina tribal, já q a máquina tribal nunca se move, se impõe, se dispõe, se apresenta, se formata numa única maneira: pra isso há as “instituições” [expressões mais visíveis da máquina tribal] e as máquinas contratuais com seus específicos e genéricos programas de produção, reprodução, ataque, defesa, consumo, circulação e manutenção.

*. o “bom combate” por uma “sociedade mais justa”, a “luta contra a alienação”, a “guerra contra a pobreza”, a “guerrilha contra o analfabetismo”, a “resistência aos fascismos”: funções necessárias da máquina tribal quando são necessárias a “ela”, não por algum “valor transcendente” ou “verdade objetiva”: a criação de utopias sociais, políticas, econômicas, religiosas são projetos de melhor limpeza, saúde, alimentação, organização, produtividade e consumo da máquina tribal: a “inclusão social” aparece como o q é realmente: aumento dos corpos dóceis pro trabalho e pro consumo: todas as formas de revolta, revolução, resistência, toda forma de oposição, de movimentos sociais, não passam de funções, necessárias e requeridas, a momentos, estruturas e lugares da máquina tribal: as potências de “transformação social” são determinadas pelos movimentos da máquina tribal: as máquinas contratuais são os instrumentos, cada um lutando por si mesmos, pra si mesmos, sempre pros outros, azeitando a máquina tribal: todas as “formas de subjetividade” q empreendem as “transformações sociais” são produzidas pra essa operação: não são causadas por “individualidades”: a liberdade, a autonomia, o “valor da vida e da paz”, aqui é fundamental pra realizar as cadeias necessárias da máquina tribal: os “movimentos sociais”, as “causas emancipatórias” não apenas renovam o mesmo, mas fazem isso numa maneira q não parece o mesmo, principalmente quando remetem essa atividade pra cultura, pra política: a máquina tribal reproduz, pereniza e reproduz a si mesma nas mais estranhas variantes

[as infinitas formas do mesmo], principalmente no novo, no revolucionário, no resistente: as “novas sociedades” nunca passaram de camuflagens da mesma roupa e as “novas idéias” não são mais q velhas idéias com outras máscaras: quanto mais correto, real, legítimo, funcional um sistema de idéias, quanto mais verdadeiro e aplicável, mais próxima ta da máquina tribal, mais íntima da resolução de impasses na máquina tribal, q muda “realmente” com uma lentidão q as teorias quase não conseguem “perceber”, pois quem muda com rapidez na máquina tribal capitalista são as “idéias”, enquanto a máquina tribal mutaciona no mesmo, sendo tão “imóvel” quanto a máquina tribal servil.

*. “A mente distraída está unida” à máquina tribal, “mas não sabe disso, nem pode saber. ... a mente é parte da” máquina tribal, “ela está unida à” máquina tribal, “na maior parte do tempo sem o saber”: as máquinas contratuais não sabem do “formigueiro”: pensam estar no mundo, na natureza, na sociedade, no tempo, em casa, nas ruas.

*. não há a máquina tribal e cada aspecto, cada característica, cada ruga, cada individualidade, cada manifestação da máquina tribal: só teorias e experiências deslocadas, ilusórias [isso só é possível com um deus invaginado: condição da presença sem a presença: o real em-si], podem impor “partes”, “fragmentos” autônomos e um “todo” (seja sob q noção for), ou um “todo e suas partes” [se bem q tudo funciona: a máquina tribal “geometrizava” (os rituais, os jogos, os programas) a existência e tudo, mais cedo ou mais tarde, se torna possível, racional, sistêmico]: a máquina tribal não pode ser realmente descrita nem sob o rótulo do múltiplo nem do uno [apenas conceitos]: nenhuma dimensão teórica pode dizer (dar conta) a máquina tribal porq toda perspectiva é sempre da própria máquina tribal: e nisso não vai nenhuma metafísica, a criação de nenhum ser imenso separado de cada “elemento”, de cada “paisagem” sua: a máquina tribal, assim como cada máquina contratual, formam devires ritualizados de sobrevivência, de potencialização q se bastam a si mesmos, se produzem a si mesmos: o pensar separa o q funciona integralmente: tanto “cada parte” quanto o “todo” são apenas “idéias”: o horror é totalidade.

*. o imediato não é uma dimensão [o tempo não é substância, realidade, movimento, mas “maneira de pensar”], algo independente de cada individualidade: ele é os rituais, os jogos, os programas q fazem a máquina contratual funcionar: é o “momento” da máquina tribal e da própria máquina contratual: é o “momento” onde rodam os existentes, os imaginários, as seduções, os desejos envolvidos nesse rodar: porisso, por ser de todos e de nenhum, pode se separar em dimensão, eternidade, tempo, duração, instante: onde quando as forças se dispõem: a separação é imaginária, mas fundamenta a natureza, o real, o “mundo sem o homem”: essa “presença” imaginária q daria o “mundo sem o homem”, a matéria, o universo, é o deus invaginado [fantasma das forças onipotentes, oniscientes, onipresentes e misteriosas do entrenós q é a máquina tribal: deus é a máquina tribal, o invisível alegorizado de todas as potências das práxis] q se tornou condição epistemológica da ciência [o imaginário científico não vive sem esse deus: enquanto tecnicamente não precisa, teoricamente não vive sem esse ser-interiorizado, essa força contra si mesmo, imaginação q não consegue se ver, exterioridade q precisa se autônoma como a mercadoria, o estado, o cidadão]: natureza, universo, matéria, tempo só são pensáveis por manterem, serem, esse deus invaginado, imaginação enalacrada, presença inextirpável da máquina contratual.

*. se não entornarmos as realidades, as verdades (provisórias ou não), os valores, as universalizações, as naturalizações, as generalizações, as certezas, na máquina tribal, com suas razões, sentidos, ortopedias, o q temos é, não um apavorante relativismo, mas hegemonia monstruosa da máquina tribal: o "mundo", o "planeta terra" será, definitivamente, globular: os "outros mundos", as "outras vidas", "outras visões", "outras crenças", serão apenas "deformações pré-científicas" bachelardianizadas por sua "psicanálise": ou a máquina tribal é universal, é única, ou não é: daí sua verdade não poder ser legítima na e pra máquina tribal: quando não se aplica a todos os "mundos possíveis" há sempre um cálculo, uma fórmula, uma idéia q corrige esse "erro": os universais, as verdades, as aproximações, as realidades só podem ser legítimas na máquina tribal: já basta sua própria multiplicidade, sua falta completa de "unidade", de "identidade": só faltava aceitar os "extraterrestres" como o absolutamente outros.

*. o salvacionismo é um dos aspectos mais persistentes da máquina tribal: é cristão, protestante, filosófico, científico, revolucionário, estatal, marxista, socialista, anarquista, democrata, liberal, midiático: todos querem, dalguma maneira, salvar o outro ou os outros, isto é, lutam por todos os meios pra trazer o outro ao q o salvacionista acredita ser a verdade, a realidade, a felicidade, o destino (nem espinosa escapou do salvacionismo): as forças salvacionistas entopem os cemitérios, as covas rasas, os campos de concentração, os campos de trabalho, os hospitais de todos os tipos, as prisões, os asilos: são antivírus, forças formativas, normativas, manutenções, reforços da máquina tribal: aparecem mais explicitamente em igrejas, escolas, conversas, congregações, associações, partidos e na mídia: mas sua operação não explícita é com-formar, com-firmar as máquinas contratuais em sua dimensão de integração nas produções (crenças, saberes, rituais q fazem parte das forças gerativas): formar, mas antes de tudo trazer os q não tão perfilados de algum modo, nos ritmos, nos rituais de determinadas produções: trazer pra crer, levantar da miséria pra produzir, consumir, politizar, policiar pra reivindicar, aumentar o poder dos grupos, dos partidos, das igrejas, dos sindicatos, dos estados: trazer, introduzir, difundir a "boa nova" aos "homens bons", aos "novos homens": linguagem da mercadoria, do dinheiro, dos trabalhadores.

*. "Chegar á idéia adequada" da existência é chegar à máquina tribal: àquilo q, causando a si mesma, causa a existência essência de todas as máquinas contratuais: "potência absoluta de autoprodução e de produção de todas as coisas" através das máquinas contratuais: identidade de existência, essência e potência: existir, ser e agir "são uma só e mesma coisa": ao "causar-se a si mesma", a máquina tribal "faz existir todas as coisas singulares": a máquina tribal "não é causa eficiente transitiva de todas as coisas, ... não é uma causa que se separa dos efeitos após havê-los produzido, mas é causa eficiente imanente de seus modos, não se separa deles, e sim se exprime neles e eles a exprimem": a inteligibilidade da existência depende da inteligibilidade e da necessidade de inteligibilidade, da possibilidade de inteligibilidade da máquina tribal: tudo o q "existe pode ser conhecido adequadamente por nós porque" a máquina tribal "pode ser conhecida perfeitamente por nós. ... não havendo no universo mistérios, milagres, forças ocultas, nem fins incompreensíveis": podemos saber o q produzimos profundamente com nossos corpos e q, ao mesmo tempo, produziu nossos corpos.

*. sem nenhuma possibilidade de revoluções emancipadoras sejam de esquerdas ou direitas: possibilidades democráticas ou liberais apenas como ondas necessárias e determinadas: sem individualidade auto-determinada ou singularidade q se sustente a si mesma enquanto diferença radical: a diferença sempre como clone, replicante, sombra do mesmo: eu, pessoa, inteligência, sensibilidade, razão, idéia, sentimentos só funções duma máquina contratual entre máquinas contratuais: sem valores ou transvalorações q não sejam avaliações de transações de todos os tipos: sem um deus pessoal ou coletivo ou panteísta: sem alma, espírito, transcendência alguma: sem natureza, história, sociedade q não seja idéias do vespeiro: onde todas as âncoras, todos os pessimismos, otimismo, filosofias, religiões, saques não passam de armas e instrumentos das manadas: sem fundamentos ou finalidades: sem consciente, inconsciente, espaço, tempo, dormência nenhuma q não seja artificios do imediato rodando seus programas: arte ou literatura q seja nada além de servilismo, sem jamais poderem ser "enfrentamento do horror": prazeres, sofrimentos glórias, anonimatos, misérias, dinheiros, saúdes, justiça, injustiças, vidas e mortes: apenas episódios fugazes do sonho duma sombra, sombra dum sonho: apenas máquina tribal formigueiro onde se pode um pouco de prazer rápido conforme a posição no estômago do leviatã [como paramécio, lesma, mosca de luxo: formiga desgraçada: abelha bêbada], alento antes duma dissolução patética e ridícula [mesmo assim nem somos seres nem muito menos seres-para-morte]: resta tão pouco e esse quase nada esmagante entre eternidades imaginárias é tudo e esse tudo se volta contra si mesmo nos círculos viciosos, imaginários e perversos, da máquina tribal.

*. a máquina tribal é profundamente clara, evidente, manifesta, profundamente geométrica, multiplicidades, inteligível [relação íntima entre o pensar, as coisas, as ações, o conhecimento, as formas, as existências: como somos causa de tudo, como tudo criamos, como o "mundo somos nós", tudo podemos compreender: o "real é racional e o racional é real": espinosa e hegel se juntam, estranhamente] e, ao mesmo tempo, enigmática, misteriosa, totalitária, apavorante e insondável: aberta e fechada: porosa, fluida, gasosa e sólida: círculo vicioso, lógica linear (multilinear, rizomática, hipertextual, circular), movimento unidimensional, mutação e tradição, revolução e razão de estado: produtividade pra nada, sobre nada e todos os valores, crenças, rituais q geram o imediato: corpo, matéria, nada, caos: formigueiro de todas as individualidades, universo feito dos modos e esses próprios modos produzidos pelas relações entre si mesmos: sistemas interligados de afecções, afetos, forças: todas as potências e todas as impotências, todos os possíveis, todas as perspectivas, todos os pontos cegos, todas as margens de luz e sombra, todas as idéias, corpos, sentidos: repetições q criam sempre o novo, os diferentes, os desvios, os mesmos: entes ao mesmo tempo individualizados, autônomos, conscientes e dormentes, incrustados, fundidos, funcionais: manufaturada por si mesma, sonha a totalidade, exerce a totalidade, a mesma q só pode ser expressão dela mesma: deseja o infinito das perspectivas, mas só pode o infinito dela mesma: infinitos e perspectivas determinadas por si mesma: por cada um de nós q somos ela sem ser, ela q somos cada um de nós sem ser: criada, protegida, reproduzida por todas as máquinas contratuais mas aparece como criadora das máquinas contratuais por ser ela-mesma de onde emanam todas as crenças, todos os programas, todos os rituais, todas as formas e forças q criam, protegem, reproduzem todas as máquinas contratuais num vice-versa verdadeiro e falso, real e irreal: criatura de todas as potências e potência de todas as máquinas contratuais: cada um, todos, ninguém: conceito, idéia, noção, motivo, chave interpretativa, perspectiva: classe, massa, cardume, individualidade, singularidade.

*. seja a substância, seja o conatus, seja o isso, seja a formação social, a colméia, a manada, a história, a matéria, a episteme: tudo não passa de formas de rituais no imediato, q estritamente também não “existe” pois é só travessia, jogos e suas regras existencializadoras nos devires q são também apenas teoria sobre teoria.

*. a máquina tribal é entrevista pelas transversalidades, pelos desvios, pelas brechas: os conceitos de deus, de uno, de vida, de espírito, de humanidade, etc, deixam entrever a totalidade, sentir o horror em movimentos: a complexidade, o cosmo, a teoria dos sistemas, as dialéticas, a física, todas as ciências, indicam o formigueiro dizendo outra coisa (paródia se apresentando como “conhecimento da coisa mesma”): todos alegorizam (parodiam?) sem saber q alegorizam: fazem ciência, filosofia, religião – jamais alegorias do horror q não pode ser dito, apesar de evidente, mas apenas entredito: seja plotino, seja bertalanffy, hegel, espinosa, marx, hobbes, sejam todos os totalitarismos políticos – visões cruéis e nítidas da máquina tribal, mesmo q todos eles vejam claramente deus, o uno, os sistemas, o espírito, a formação social – não importa – é a máquina tribal q ta ali: seja tomás de aquino, schopenhauer, darwin, platão, bruno, levy-strauss, baudrillard, bauman, todos expressam a máquina tribal como se não falassem dela, por q dizem deus, o cosmo, a vida, o homem, a estrutura, a vida – isso é a máquina tribal: dizê-la cruamente é praticamente impossível: a convivência do ser (q poderíamos entender como problema da “antiguidade” se ela não fosse produção genuína da máquina tribal), do sujeito como “problema da modernidade” e da “linguagem como expressão do contemporâneo” são indicadores de onde podemos encontrar as brechas por onde podemos vislumbrar a máquina tribal, isto é, o todo q se pretende todo, totalidade, sem ser nem poder ser: o formigueiro monstruoso pode ser vislumbrado nas suas clareiras da verdade, nos seus campos de realidade, em seus sistemas de crenças: todas as teorias, filosofias, conceitos estão, na verdade, expondo alegoricamente momentos, forças, expressões, necessidades, im-potências da máquina tribal: diversidades e multiplicidades geram multiplicidades e diversidades: o formigueiro produz a loucura filosófica, a diversidade das verdades ou sua unidade, a mistura, o jorro louco das forças, a seleção determinada ao q é funcional, exemplar, e o esquecimento, a velhice pro resto.

vii

*. não há nenhum “plano de imanência”, nenhuma idéia, conceito, práxis, realidade, seja o nome q se queira dar, q seja o “ponto central”, a “pedra angular”, o “axis mundi”: qualquer filosofia trabalha sempre com imaginários pontos fixos q não aparecem completamente pra não desfocarem o conjunto ou os elementos: qualquer perspectiva não passa de momento especular: “funcionais”, como aquilo q a ciência produz, mais os “conceituais” das filosofias, mais as “expressividades” das artes, mais os “entorpecentes” das mídias: todos produzidos nas produções pra se tornarem parte das produções.

*. determinismos, liberalismos, necessidades, natureza, simplicidade, experiência, jogos, ordem, fenômeno, máquina tribal não passam de conceitos q não podem, juntos com todos os outros, dizer a máquina tribal, ou tornar ela compreensível: ciência, filosofia, senso comum, religião, mídia – podem apenas fazer circular

idéias, práticas, forças q não podem dizer a máquina tribal como requer esse mesmo “conhecimento”, como se adviesse dum deus: é impossível entender definitivamente a razão, a existência, a essência, ou qualquer outro conceito da máquina tribal porq será sempre dela q advirá a perspectiva ou o jogo de perspectivas: será sempre um prato pra ser servido agora, com seu atual gosto: mercadoria pro momento: nesse sentido a máquina tribal se confunde com o caos: o imediato é fusão de todos os jogos criando o real, o sempre novo, o sempre mesmo do diferente: “haverá sempre” uma multidão de idéias sobre o real e todas elas por mais diferentes entre si, mesmo sobre a “mesma coisa”, poderão ser “verdadeiras”, “reais”, pois advém da máquina tribal [máquina cristã de criação de rebanhos, máquina mercado, máquina ford, máquina mac donald, máquina dos refrigerantes das idéias, máquina nazista: máquina ciência, máquina filosofia, máquina mídia]: cada momento, cada instância, cada confluência de forças da máquina tribal, cada articulação de venda e consumo cria suas verdades, suas leis, seu universo.

*. a totalidade nunca foi totalidade: a máquina tribal sempre foi fraturada, fissurada, fragmentada, esmigalhada: ?como ver o q não se deve ver, o q não se pode ver: ?como realinhar o eixo q entortou: ?refazer a res-piração no corpo q nem se sente res-pirar: ?alterar as inteligências: ?abrir os olhos dos olhos: ?os ouvidos do ouvido: ?as narinas do olfato: ?o tato do tato: ?o sexo do sexo: ?o pensamento do pensamento: fragmentos entre fragmentos, se roçam, se destroçam, se completam, mentem: ficam junto feito cão, fogem feito ratos, voam como morcegos, mergulham como vermes nas fezes, no vômito, no catarro: não permanece, não se corporifica, não se contenta: mente q é corpo, q é todo, q é rede, sistema, estrutura: a verdade da mentira, e vice-versa: linguagem q se sabe linguagem e se quer coisa: coisa q se quer linguagem: o numerável, o inumerável, o nominável, o inominável, o inumano, o humano todo: percorrer, se esquivar: fragmentos percorrem ruínas lambendo o sal das rochas: rochas só ruídos: imaginários, sonhos, delírios: o real feito de delírios em ordem: o q roça o caos, o intemperismo das forças rituais q formatam as formas, os corpos, as efetividades: fora do tempo porq não há tempo, fora da vida porq não há nascimento e morte: sofrimentos, trabalhos, prazeres, esperas: não há a máquina tribal e os fragmentos: a máquina tribal é fragmentária, estruturada, explosões, ritmos, aparecimentos, desaparecimentos: em todos os fragmentos a totalidade e na totalidade cada fragmento e neles nada dos outros ou deles mesmos: cada máquina contratual é a máquina tribal: a máquina tribal é uma máquina contratual monstruosa: cada fragmento fragmentos: existir se dissolve e só se dissolvendo existe: o comunicável só se comunica com desejo, com contratos, contatos, fricções, conatus: forças pra mais forças: mais potência o impotente: não há a máquina tribal nem os fragmentos nem os ritmos: sonhos dentro dum sonho q suam, sangram, defecam, parem no imediato o existente q não existe, o ser q não é nem pode ser: fragmentos nas multidões, nos cardumes: fulgores de sobrevivência.

digressões

- *. qualquer idéia, ao manter uma rede de relações de produção determinada com a máquina tribal, com as redes de interesse das máquinas contratuais, não pode jamais requerer nem um sempre ilusório estatuto de verdade nem sequer de representação, muito menos o de realidade: só podemos compreender, exercitar, sempre “relativamente”, sua funcionalidade (determinações, forças, gêneses, relações, finalidades, poderes): todas as filosofias, ciências, saberes, experiências, vivências, crenças são, duma maneira ou doutra, “funcionais” da máquina tribal.
- *. o real é inteligível (“o real é racional”: hegel é um dos principais produtores de alegorias da máquina tribal) porq o real é a máquina tribal (o “racional” dela mesma se estudando, se pensando, se resolvendo), são as máquinas contratuais, suas relações, suas produções: nada escapa: sem resto: até o resto é a máquina tribal.
- *. todos os saberes q teorizam sobre deus, sociedade, economia, política, antropologia, história, natureza, q debatem sobre o homem (religiões, ciências, filosofias), alegorizam funcionalmente o “todo” ou “regiões” da máquina tribal: com a noção de máquina tribal se redimensionam, tomam seu lugar.
- *. “Nada se encontra no espírito que não tenha, antes, estado nos sentidos”: nada se encontra nos sentidos, no corpo, no espírito, q não teja antes na máquina tribal: funcionalidades sem fim.
- *. deus sive natura sive máquina tribal: deus, ou seja, a natureza, ou seja a máquina tribal: máquina contratual sive máquina tribal (...).
- *. as forças enquanto afetos produzem, do caos q jorra dos corpos, os corpos, seus movimentos, atuações, rituais, exterioridades: nesse corpo produzido pelas relações de produção dos outros corpos inscrevendo os programas corpo da máquina tribal e suas possibilidades e impossibilidades operacionais, não separa corpo e linguagem, corpo e materialidade, corpo e mundo, corpo de tempo, um corpo do outro: unidades operacionais separadas pelas funcionais metafísicas da máquina tribal: a linguagem não diz o mundo nem a si mesmo: é o próprio corpo em atividade vital: extensão operacional do corpo entre corpos, entre coisas, entre relações, no mundo q é a máquina tribal: o “mundo tecnológico”, as tecnologias do mundo, o mundo dos objetos, são extensões dos corpos, são os corpos em oper-ações vibratórias no mesmo, assim como o corpo são marcas da máquina tribal.
- *. a existência plena da máquina contratual é produzida, mantida, reproduzida pela máquina tribal: o desejo ou apetite, o prazer (e a dor, o esforço, a angústia, a ansiedade) se ligam, intimamente, à máquina tribal: a consciência não é “superação” da máquina contratual, mas operação essencial [essa essencialidade não é indispensável: tudo pode funcionar sem nenhuma consciência, principalmente porq ela não passa de imaginárias invaginações de forças reativas: é preciso fazer rodar os programas, sejam os da formatação, sejam os da formação: ver, ouvir, comer, trepar, defecar, dormir, masturbar-se, parir, trabalhar, defender, produzir todas as produções] da máquina tribal: “Todos os esforços, impulsos, apetites” são produzidos pela máquina tribal, pra máquina tribal, com a máquina tribal [as máquinas contratuais gozam e fazem gozar e são torturadas e torturam no caminho defendendo cada uma a si mesma, seus programas (sempre reais, verdadeiros,

necessários, precisos), sua posição, os poderes, crenças, im-posições do seu "atributo": classe, família, grupo, gênero, raça, crença]: o mais desejo, o mais imaginação, mais consciência, potência, razão, não levam a nenhum estado de "felicidade" [felicidade é programa realizado, rodando, rodado], mas, antes de tudo, de funcionalidade (realizada) necessária das máquinas contratuais enquanto modos, afecções da máquina tribal: idéias adequadas são adequadas para a máquina contratual q se torna adequada à máquina tribal: a mais potência, a mais razão, a plenitude, a felicidade, a singularidade e todo o processo de singularização não são determinados em nenhum momento nem pela nem para a máquina contratual: funcionalidades mais adequadas, mais potentes, mais ricas: "perseverar no seu ser" é o q faz funcionar todas as redes maquínicas (máquina tribal, máquinas contratuais, relações maquínicas): [em hobbes endeavour, o conatus refeito de espinosa, a força de conservação, de afirmação, de crescimento, de sobrepujamento de si próprio e dos outros, o esforço q une todos os seres no q lhes agrada e faz fugir do q lhes desagradar]: duma maneira ou doutra as máquinas contratuais são sempre adequadas à máquina tribal: todas elas são produzidas para funcionarem dentro de determinados horizontes, campos, poderes, relações, crenças: a liberdade, a felicidade, o prazer, a realização, a plenitude, a mais potência, mais tudo, é produzido para ser e agir assim: nada em si: todo em-si é um para-nós, isto é, na e para a máquina tribal: assim vivem, trabalham e morrem todas as máquinas contratuais: dos projetos, dos planos, das idéias, das utopias, das filosofias e ciências, das políticas e das éticas "burguesas", "proletárias", liberais, anarquistas, cristãs, democráticas, socialistas, restou apenas as funcionalidades do "monstruoso formigueiro", sem deus, sem homem, sem mundo, sem natureza, sem liberdade, sem singularidade: o "escravo inconsciente", imerso na máquina tribal é aquele mesmo "sábio que despertou", todos na mesma máquina tribal.

*. as paixões, as emoções, os sentimentos, a razão, as imaginações, as crenças são "gramáticas" q escondem, re-velam, camuflam os contratos, os jogos, as funções, as relações vitais, os movimentos contratuais de forças entre as máquinas contratuais e sua forma de existência enquanto máquina tribal: para nós o q aparece como existente, verdadeiro e bom é a gramática imaginária q produz/faz os contratos funcionarem em sua necessidade [o prazer, a alegria, a realização não é pelo dito, mas pela consumação]: viver é ser enganado e se enganar [a máquina tribal é, necessariamente, metafísica]: sem isso os contratos ficam prejudicados, descarnados, crus, sem graça, visivelmente maquínicos: duma maneira ou doutra se realizam, mas perdem o "sentido", o "gosto civilizado", o comer carne cozida: o ritual apareceria apenas como ritual, o contrato como contrato, e o ridículo jorraria no centro vazio das produções: é preciso esconder da pura metafísica das produções da máquina tribal seu absoluto nihilismo, tornar ele também e apenas idéia.

*. a máquina tribal é a primeira última ilusão: a máxima mobilidade do imóvel, a eternidade da fugacidade: a insaciabilidade q se reproduz em tudo, q se repete sem fim: monstro in-visível, in-tocável: horror q já se encontra consigo mesmo, já cria seus próprios inimigos como sombras de si mesmo, tornando todo outro forma oportunista do mesmo: máquina rizomática, virtual, nazista, corpo cristão na fábrica de deus, ou seja, na máquina tribal.

*. o infinito da máquina tribal é o “mau infinito” hegeliano, assim como sua origem impostora é má origem, como suas “intenções” são sempre as “piores possíveis”, como também a dialética não passa duma impostura, no caso impostura q dá certo até q se sinta na carne o contrário: ela é um dos espíritos da máquina tribal enquanto capitalismo.

*. nada pode ser mais inteligível q a máquina tribal [ela é a inteligibilidade e o inteligível: inclusive o ininteligível], nada mais evidente: suas múltiplas centralidades, suas mobilidades, suas capacidades produtivas, incorporativas, replicantes, suas redes, suas polifonias, suas mudanças, suas infestações filosóficas, de saberes, ciências, mídias, opiniões, vivências, nada disso afeta sua absoluta inteligibilidade, sua completa evidência: nossa incomunicabilidade também não atinge a inteligibilidade: ela apenas também faz parte da máquina tribal: as relações de produção entre as máquinas contratuais e a máquina tribal e vice-versa tornam o real q é a máquina tribal inteligível [não a razão ou a consciência, q fazem parte constitutiva da máquina tribal como “componentes servis”, aqueles q não podem deslocar, mas apenas criar funcionais e deles tomar consciência: a máquina tribal, o real, é racional não porq é racional, mas porq são produções das máquinas contratuais, assim como elas mesmas]: sua inteligibilidade advém da íntima relação das produções, quase identificação entre as produções, os produtores, os produzidos, os meios, tudo formando um “específico formigueiro” múltiplo e virótico: “uma” mesma massa separada em modos apenas por operacionalidade monstruosa.

*. o negativo não é o q se pensa a partir tanto da dialética hegeliana quanto da marxista [negações produzidas pro estado, pra máquina tribal e seu “melhoramento”], mas a repetição industrial, burguesa, funcional do mesmo em sua “infinitude de ser”: o negativo é a mais cara máscara do mesmo: sem as máscaras q vai usando, sem as mudanças do mesmo, suas infindáveis formas e movimentos, funções e representações, o real desmontaria: a máquina tribal são fluxos ritualizados do mesmo em constante mutação do mesmo ao novo outro mesmo, ao sempre mesmo q realiza o mesmo de formas diferentes mantendo a mesmidade: o negativo é o fogo de artifício, o artifício do mesmo e seu pudor em se expor apenas como crua positividade funcional: o negativo é recurso essencial do mesmo, da positividade, da funcionalidade, recurso e atividade essencial nos fluxos da máquina tribal como um todo em “sua história” [o q temos são diferentes movimentos do negativo, do mesmo enquanto negativo]: se a negatividade fosse verdadeira a máquina tribal inteira desmoronaria e todas as noções cristãs, burguesas, estatais, industriais e mercantis seriam legítimas, hegemônicas: se “depois” da afirmação houvesse “negação” e tudo confluísse pruma “negação da negação” a máquina tribal não funcionaria: sua “forma de funcionamento é outra”: a dialética, em sentido amplo, não passa do q chamavam ideologia, um dos suportes imaginários da existência.

*. a máquina tribal se volta pra dentro ao se voltar pra fora, se dilata ao recuar, se exterioriza ao se interiorizar, se unifica ao se multiplicar e se multiplica ao se unificar: é uma máquina de fazer “gente”, máquina q produzir as “forças divinas”, as universalidades e naturalizações como “condições de existência”: empreendimento produzindo os produtores do empreendimento.

bibliografia

- Arendt, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras, São Paulo 1989.
- _____. **A Vida do Espírito**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- Bourdieu, Pierre. **O Poder Simbólico**. Difel/Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **A Economia das Trocas Linguísticas**. Edusp, São Paulo, 1998.
- Canetti, Elias. **Massa e Poder**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- Castoriadis, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.
- Deleuze, Gilles. **Espinosa e os Signos**. Rés, Porto, 1989.
- _____. **Crítica e Clínica**. Editora 34, São Paulo, 1997.
- _____. **Lógica do Sentido**. Perspectiva, São Paulo, 1998.
- _____. **Nietzsche e a Filosofia**. Rés, Porto, 2001.
- _____. **Espinosa: Filosofia Prática**. Escuta, São Paulo, 2002.
- _____. **O Anti-Édipo**. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.
- Espinosa, Baruch de. **Ética**. Autêntica, tradução de Thomaz Tadeu, Belo Horizonte, 2008.
- _____. **Tratado Político**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, São Paulo, 1983.
- _____. **Tratado Teológico–Político**. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- Foucault, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Portugalia, Lisboa, 1968.
- _____. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 1987.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. **A Ordem do Discurso**. Loyola, São Paulo, 1999.
- _____. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- _____. **Ditos e Escritos**. Forense Universitária, 5 vol., Rio de Janeiro, 2004-2006.
- _____. **Hermenêutica do Sujeito**. Martins Fontes, São Paulo, 2006.
- _____. **O Nascimento da Clínica**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. **Segurança, Território, População**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- _____. **Nascimento da Biopolítica**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- Fredric, Jameson. **Pós-Modernismo**. Ática, São Paulo, 1996.
- Harvey, David. **Condição Pós-Moderna**. Loyola, São Paulo, 2000.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Vozes, Petrópolis, 2008.
- Heidegger, Martin. **Que é Metafísica?** Duas Cidades, São Paulo, 1969.
- _____. **Sobre a Essência da Verdade**. Duas Cidades, São Paulo, 1970.
- _____. **Sobre a Essência do Fundamento**. Duas Cidades, São Paulo, 1971.
- _____. **Ser e Tempo**. Vozes, Petrópolis, 1988.

- _____. **¿Qué Significa Pensar?**. Trotta, Madrid, 2008.
- Hobbes, Thomas. **Leviatã**. Abril Cultural, São Paulo, 1974.
- _____. **Do Cidadão**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Hutcheon, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Imago, Rio de Janeiro 1991.
- Lévy, Pierre. **O Que é o Virtual?** Editora 34, São Paulo, 1996.
- _____. **A Inteligência Coletiva**. Loyola, São Paulo, 1998.
- _____. **Cibercultura**. Editora 34, São Paulo, 1999.
- Lyotard, Jean-François. **O Pós-Moderno**. José Olympio, Rio de Janeiro, 1986.
- Lukács, Georg. **História e Consciência de Classe**. Publicações Escorpião, Porto, 1974.
- _____. **Ontologia do Ser Social: Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- _____. **Ontologia do Ser Social: A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- Maeterlinck, Maurice. **A Vida das Abelhas**. Martin Claret, São Paulo, 2002.
- Marx, Karl. **O Capital**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.
- _____. **A Ideologia Alemã**. Presença, 2 vol., Lisboa, 1976.
- _____. **Miséria da Filosofia**. Grijalbo, São Paulo, 1976.
- _____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Martins Fontes, São Paulo, 1977.
- _____. **A Sagrada Família**. Presença/Martins Fontes, Lisboa, s/d.
- Mészáros, Istvan. **Marx: A Teoria da Alienação**. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. Ensaio, São Paulo, 1993.
- _____. **O Poder da Ideologia**. Ensaio, São Paulo, 1996.
- Schopenhauer, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2001.